

# Fiscalização derruba e queima quatro barracos

- 8 NOV 1996

JORNAL DE BRASÍLIA

## Invasões aumentam, diz administrador

Fiscais da Administração Regional do Guará, apoiados por policiais militares, derrubaram e atearam fogo em quatro barracos, ontem à tarde, numa invasão localizada no Setor de Oficinas, ao lado da linha do metrô. Moradores do local ficaram revoltados com a truculência dos fiscais, que ameaçaram passar o trator sobre seus objetos pessoais. "Até as galinhas e os piriás que eu criava foram mortos, e viraram carvão sob a fogueira", queixava-se a dona-de-casa Elenice Andrade dos Santos.

Elenice, o marido, Elson Pereira dos Santos, e os seis filhos menores estão acampados debaixo de uma mangueira, próximo ao local de onde foram retirados. "Não sei mais o que fazer com tanto azar e perseguição. Fechei a oficina de conserto de carro-

ças porque os fiscais não permitiam a permanência no local. Depois envenenaram meus três cavalos", protestava desesperado Elson, ao lado da mulher e de Júnior, o filho caçula. A doméstica Maria da Penha da Silva Prado, 48 anos, três filhos, reclamava porque os fiscais levaram seus poucos móveis para Luziânia. "O que ganho não dá para pagar passagem todos os dias para vir trabalhar", disse chorando.

O carroceiro Edmar Lourenço da Costa, 46 anos, era um dos moradores revoltados com a ação dos fiscais da Administração. Embora tenha família, que mora em Samambaia, Edmar vivia sozinho no barraco de madeira, que foi derrubado e queimado pelos fiscais. "Nem o cercado onde prenho a égua os fiscais pouparam. Tudo foi para o fogo", protestava.

O administrador do Guará, Alírio Neto, confirmou que a Administração Regional tem um comando 24 horas, com sistema de rádio e veículos, para desmontar de barracos. "Precisamos preservar a cidade, pois após o anúncio de que a QE 38 será destinada a invasores, o número de invasões na cidade não parou de crescer, e hoje já chegam a 72 focos. Vamos desmontar todos e, para isso, temos recebido o apoio da população", garantiu.

Dentre os barracos derrubados estava o de João Jovêncio Albuquerque, o Maranhão, que fez campanha para o PT. "Votei e vou continuar votando no PT", dizia Jovêncio em meio às vaias dos demais invasores. Alírio Neto explicou que o barraco de Jovêncio, foi derrubado porque ele vende lotes nas invasões para incautos. "Recebi reclamação dos próprios moradores, que o acusaram de vender os lotes. Amanhã (hoje) vou apresentar queixa-crime contra este rapaz, na 4ª Delegacia de Polícia, pois vender terra pública é estelionato", afirmou Alírio.

O administrador disse que respeita o direito dos moradores antigos, por isso não permitiu a derrubada do barraco de Enedina. No local permaneceram dois barracos抗igos. O administrador garante que tem oferecido Albergue, transporte para os móveis, mas os invasores recusam.